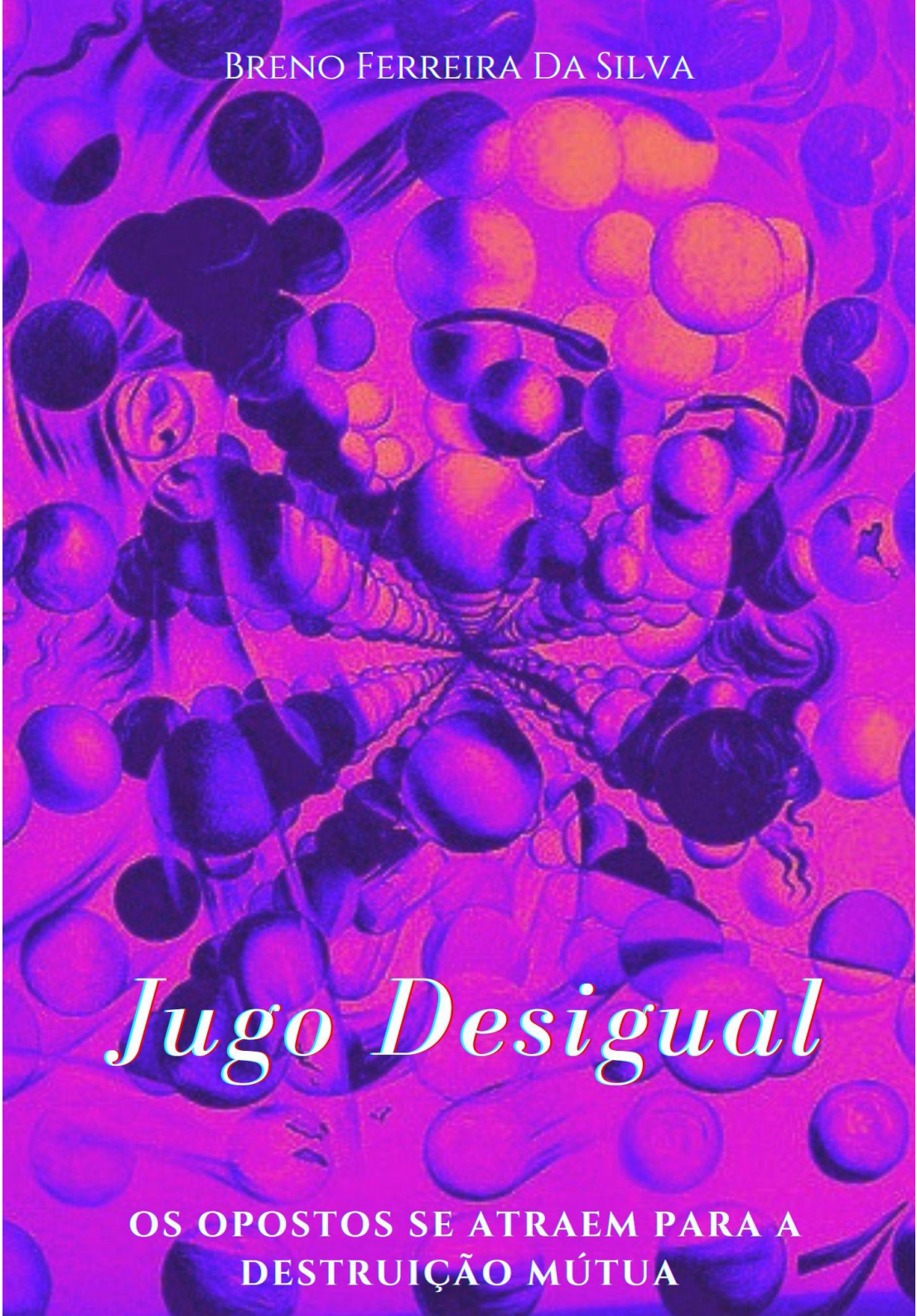
Breno Ferreira Da Silva



Jugo Desigual

OS OPOSTOS SE ATRAEM PARA A DESTRUIÇÃO MÚTUA

JUGO DESIGUAL

Os opostos se atraem para a destruição mútua

BRENO FERREIRA DA SILVA

(19 de junho de 2021)

Todos os direitos reservados ao autor da obra.

Pintura da Capa:
Galatea da Esferas (1952),
Salvador Dalí.
Capa:
Breno Ferreira Da Silva.
Diagramação:
Breno Ferreira Da Silva.
Publicação: 21 de Junho de 2021.
Volta Grande, Tapiramutá, Bahia.

I

O jugo desigual foi uma das coisas sobre as quais o *Apóstolo Paulo* alertara e escrevera à igreja. Não posso dizer-te, caro leitor, que tomei como exemplo as palavras do maior apóstolo de *Cristo*, antes digo que as desobedeci, que fui infiel às tais palavras.

Pois, como poderia eu, como profano em carne, ser fiel a uma coisa que elevaria o espírito que eu nem acreditava ter? Confesso-vos que, antes mesmo de encontrá-la e de escrever-vos por dinheiro, já não me sustentava sobre nenhum evangelho.

Considero-me como um homem que caminha nas trevas, como todos os outros, e que visa satisfazer seu prazer no que lhe apraz.

No entanto, não quero que penses tu, amigo – e permita-me chamá-lo de amigo, pois não tenho amigos –, que sou um ateu sem causa, um simples *cabeça-de-vento* e doido; não o sou, crente sou, e minha maior crença está em mim mesmo.

E não quero que cogites que me trato de um fanático religioso, que está disposto a matar e a morrer por uma crença milenar; de modo algum, seu curioso.

E curioso, sim, porque espias a minha desgraça infinda através destas letras pintadas e repintadas, traduzidas e reduzidas, que não hão de ir comigo para terra, quando eu fenecer.

Não sou, igualmente, um romântico parvo, que idealizará uma mulher e a pavoneará de quimeras e

topázios insólitos; não, quanto a isso, não sou, mas o fui.

Não irás saber a minha história a menos que me tenha comprado estas *lazarentas* lembranças, que me obsedam feito moscas, enviadas por *Belzebu*, em torno de meu cadáver cediço.

Enfim, leitor, vamos aos desvarios românticos de um homem que nunca foi poeta, que nunca possuiu honra, que por sorte granjeou o amor e que teme, intimamente, o beijo da morte.

Apresento-me: Meu nome é Luiz Amargo, e amargo é o meu estado – porque só fui doce enquanto estive com aquela maldita alma.

Filho de um pedreiro e de uma lavadeira, nasci na Bahia, no interior do estado dito, e nas mais afastadas zonas urbanas já postas no mapa.

Tentei fazer direito, aos meus dezoito, fracassei. Fui bem, na prova, mas não consegui advogar a causa da minha persistência na área, como advogado.

Se não podia ser advogado de mim mesmo e do meu futuro, como defenderia outras almas? E cedi à minha promotoria, que me mostrou inúmeras questões, condenando meus horizontes.

Comecei mal, nem logrei o diploma, e já havia sido humilhado no tribunal. Nunca me esquecerei disto!

Fui sempre daqueles meninos estandardizados, sem camisa, com a barriga suja para fora, desprovido de vestes a correr pela rua...

Bom, voltemos a minha juventude:

Não possuía grandes ideais, tudo que tinha em mente era arrumar um bom emprego, e viver nele para o resto

de minha vida. Não almejava deixar o Brasil, *minha pátria* – nem me importo com a pátria –, meu foco era cuidar da minha vida enquanto os políticos dificultavam-na.

Porque poderia bem eu trabalhar muito e ganhar uma montanha de dinheiro, e o estado, como um parasita pecuniário voraz, viria a qualquer custo tomar a sua parte.

Certamente o governo me agarraria como *Jacó* o fez a seu irmão, *Esaú*, e ao anjo com quem lutou ferozmente. O governo era um cão que nunca havia de largar o osso. Disso eu soube tão logo que nasci.

As coisas ficaram difíceis. Eu morava com meus pais e não aguentava mais aquele ar pesado de ninho. Sentia-me, verdadeiramente, como um pássaro sem asas e sem vontade de voar; e daí foi que tirei minha transformação: precisava ir embora, o quanto antes, atrás de minha vida.

Rapazola, não tinha conhecimento dos poderes de uma mulher. Era um homem vão, que não conhecia o fulgor da paixão, por residir na inocência do puro desterro.

Lembro-me bem, leitor, que aluguei uma casa sem tê-la visto, e que, pensando eu que habitaria em um palácio suntuoso, deparei-me com uma decrépita moradia nos fundos de uma mansão de luxo, por uns míseros duzentos reais.

Disse míseros?! Míseros não eram, pois para conseguí-los, era necessário trabalho, que eu ainda não tinha.

Comecei devendo o aluguel, e esquecendo-me de informá-los que mudei de cidade.

Perdoai-me, amigo mudo e cego, que me ouves sem eu falar-te, e anda comigo sem que te dê a ousadia.

É que apresso o futuro, para que possais gozar comigo destas lembranças.

II

Quando beijei-a, senti-me transtornado e transmutado. Vi o mundo se fazer em cinzas ante meus olhos, vi a matéria se delinear em um mínimo detalhe, que parecia-me mais a assinatura dalgum ser perfeito, não sei. Deus o sabe! *Será que Ele sabe?* Amargo, pelo amor do Altíssimo, não blasfemes tu!

E quando tive seu corpo rente ao meu, vi-me trajado de grandes vitórias, talhado de conquistas tais que a tão expressiva língua portuguesa não é capaz de expressar. E, sendo capaz ela, um ser reles como eu não encontrou maneiras.

O olhar dela, leitor, prendia-me ao seu rosto. Como se houvesse muita majestade e força nas maçãs graciosas de sua face.

As mãos delgadas apalpava-me o peitoral com experiência veterana – eu não lhe fora o primeiro. Catarina era daquelas mulheres malucas que contradiziam as *Escrituras*.

Não é o homem a cabeça? Ela fazia-o, no seu prazer, vir a ser cauda; não era a varoa a glória do varão? Ela assumia a posição de cabeça, sendo o suprassumo de tudo, e deixava o termo glória para integrar o conceito de vida.

Estou morto; depois que ela partiu e deixou-me, morri. Ela, além de furtar-me descaradamente o coração, fez questão de levar consigo o meu propósito de viver.

Voltemos ao caso. Não quero, contudo, que fiques apaixonado. Isso implicaria numa rivalidade colossal entre nós e, eventualmente, numa pugna de morte. Estás atento?!

Ela não guardava o fogo, despejava-o em forma de seta no coração e na carne, de modo que seus amantes – porque descobri depois que a infame traía-me – ficavam atraídos e envolvidos no feitiço de sua armadilha.

Deitei-me, pois, com ela na cama, e vi exaurir-se de mim toda a pureza do céu. Tornei-me dissoluto, e nada existia para mim, senão aquela criatura amável e ignóbil.

Suas curvas, suas cores e seus caminhos eram indizíveis. E não havia criatura que não ficasse petrificado com o seu olhar.

Perdoai-me, outra vez, leitor, é porque não detenho o controle desta narrativa, antes as emoções abismais que em mim existem, exercem esse monopólio.

E naquele sublime e acalorado instante, nada me importava! Que os políticos fossem às favas, os brasileiros todos e eu mesmo, *meu mundo era aquela mulher*, e pronto!

_ Sabes que gosto de ti... Disse-me ela, com um olhar sedutor.

_ Sei. Sei também que tu és todo o meu mundo. Respondi-lhe.

E caí, feito um pato numa armadilha, feito um asno no cabresto, duma mulher que só me quis eu não sei porquê.

Catarina era uma jovem de muitos segredos, de propósitos inomináveis, e de virtudes desconhecidas.